

**Vozes da Guerra Civil Espanhola em *Los cuadernos perdidos de Antonio Catena*, de Juan Vergillos (2001): rompendo silêncios para uma paz efetiva**

**Antonio R. Esteves (FCL/ UNESP-Assis)**

**1. *Los cuadernos perdidos de Antonio Catena***

Prêmio na categoria romance da Universidade de Sevilha em 2000, *Los cuadernos perdidos de Antonio Catena*, publicado no ano seguinte, marca a estréia do jovem Juan Vergillos, jornalista e pesquisador da área do flamenco, no campo da ficção. O romance, mais que contar a prisão e morte de Antonio Catena, um maqui executado em 1947 pelas forças oficiais, traz para o centro do cenário a discussão de um tema pouco apreciado na Espanha durante mais de meio século: o tenebroso manto que caiu sobre a sociedade espanhola com a ferrenha ditadura após a derrota dos republicanos na Guerra Civil.

Valendo-se da técnica da colagem, o narrador-autor trata de conciliar várias vozes, alinhavando o fio de diferentes relatos que abrem grandes lapsos que deverão ser preenchidos pelo atento olhar do leitor. Dividida em cinco partes, a narrativa é introduzida por um texto breve, duas páginas em terceira pessoa, que apresenta o protagonista localizando-o no contexto histórico espanhol. Em 1944, Antonio Catena, camponês ex-militante sindical e ex-combatente republicano que ainda resistia na Serra de *Mágina*, na província de *Jaén*, acossado pela fome e pelas autoridades franquistas, decide abandonar as armas. Valendo-se da rede que a resistência havia construído a duras penas, ele escapa da região e se dirige a Barcelona e depois Valência.

O leitor constata páginas adiante que esse texto introdutório trata-se na verdade de fragmentos de um trecho de livro incluído no “Dossier” que constitui a terceira parte do romance. Em Barcelona, Catena assassina um homem obedecendo a determinações da organização clandestina a que serve. Em seguida, passa a viver nas periferias de Valência até ser preso pelas autoridades franquistas, sendo transferido para o presídio de *Jaén*, de onde escapa de modo espetacular, após subornar os vigias.

No início de 1946 num tiroteio com a Guarda Civil, é abatido o guerrilheiro Pajuelas, companheiro de Catena, com quem é encontrado um caderno de notas, suposto relatório destinado à cúpula da organização, no qual há uma série informações que causam o desmantelamento da resistência. Preso novamente, Catena é condenado à morte e fuzilado na madrugada de 20 de março de 1947.

O grande mistério do relato é um suposto ato de traição cometido dentro do grupo, causa do ataque das autoridades a Pajuelas, marcando o início da desarticulação dos guerrilheiros. O livro se fecha com uma voz em terceira pessoa que apresenta de modo conclusivo os últimos anos de Catena. Ao mesmo tempo, informa que Diego *El Iniesto*, também membro do grupo, acaba em liberdade, depois de várias idas e vindas à cadeia.

O romance em si, pode-se dizer, está emoldurado entre essas duas páginas introdutórias e as quatro páginas finais. Em terceira pessoa, com tom pretensamente objetivo, essa voz tem a função de organizar os fragmentos discursivos, de várias vozes e com diferentes focos, que constituem as cinco partes do livro.

A primeira delas, intitulada “En la calle de Bailén”, é um relato em primeira pessoa no qual Catena, mais que contar o assassinato que lhe é encomendado pela cúpula da organização à qual serve, faz uma reflexão sobre o sentido da vida e da morte. Discute o absurdo da guerra e das lutas políticas que, para defender idéias

abstratas de liberdade de uma coletividade imaginada, colocam o indivíduo diante de grandes crises individuais como, por exemplo, assassinar um desconhecido, a sangue-frio, enquanto dorme, sem saber sequer os motivos.

A segunda parte, intitulada “Monólogo”, é composta por monólogos de diferentes personagens, incluindo os protagonistas do romance: o próprio Catena, Diego *El Iniesto*, Felipe Picatoste e Pajuelas. Chama atenção o monólogo da esposa de Catena, que apresenta a visão de quem não aceita o horror da luta fratricida e prefere ver a questão pelo viés do cotidiano de fome e miséria que o conflito instaurou.

A terceira parte, sob o título de “Dossier”, reúne fragmentos variados, apresentados como documentos. São transcrições de folhetos de organizações de resistência; trechos dos processos sumários a que eram submetidos os inimigos do regime recém-estabelecido; capítulos de livros ou fragmentos dos *Cadernos de Antonio Catena*, a que se refere o título da obra. Sua leitura cuidadosa permite ao leitor construir a trajetória dos personagens e articular os acontecimentos em si. É difícil, entretanto, determinar quais são mera transcrição de documentos históricos e quais são apócrifos, pois fazem uma deliberada mistura de fatos e/ou documentos históricos e outros inventados ou modificados.

A quarta parte, “En Sierra Mágina”, traz um relato do último combate travado na Serra. Permeando o relato do tiroteio, aparecem reminiscências individuais de cada um dos envolvidos. Suas dúvidas, seus traumas, seus desejos. E sobretudo explicita como cada um deles, por motivos diferentes quase nunca políticos, acaba vendo-se no centro de um conflito que não considerava como seu. Indícios da traição de Diego e/ou de Felipe aparecem ao longo do relato.

A última parte, “Confesión”, divide-se em duas partes. A primeira é um monólogo de Catena, o relato-confissão feito por ele ao *Iniesto*, no cárcere, antes de uma sessão de tortura, lembrado através da memória deste. Traz uma avaliação amarga feita pelos vencidos que já não suportam a opressão. A última parte é um

diálogo entre Diego *El Iniesto* e Felipe Picatoste, no qual o primeiro conta a confissão de Catena. Eles discutem uma forma de esquecer os acontecimentos dos últimos anos para poder ter um pouco de paz, mesmo que isso tenha custado a morte de tantas pessoas, em sua maioria inocentes. Os dois delatores, ao final, se despedem, saudando-se com os punhos levantados, pela primeira vez desde o final da guerra. Cada um segue seu caminho. Embora sobreviventes, eles carregam em si os esquecimentos e as lembranças dos terríveis anos da guerra e da subsequente resistência guerrilheira naqueles confins da *Sierra Mágina*, província de *Jaén*, terra famosa por seus guerrilheiros, nos confins da miserável Andaluzia Oriental.

## **2. “Abuelo, ¿cómo fue aquello?”**

Afirmar que a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) levantou um muro de sangue e destruição entre os espanhóis é praticamente um lugar-comum. Como qualquer guerra fratricida, semeou violência e barbárie que destruíram boa parte da população do país. Aos vencidos não restou outro caminho senão o exílio ou o silêncio forçado, mergulhando a Espanha numa das ditaduras mais cruentas do século XX que durou várias décadas.

Em 1975 finalmente morreu o ditador e o país ensaia os primeiros passos rumo à democracia. Pode-se dizer que com os *Pactos de Moncloa*, arranjo entre diferentes forças políticas, econômicas e sociais para a reconstrução da vida democrática espanhola, firmou-se também um implícito pacto de silêncio sobre o passado. Com os olhos voltados para um futuro possível, optou-se em não remexer o podre monturo do franquismo. Os que puderam regressaram a casa, e, aos poucos, foi-se estabelecendo uma falsa normalidade em que os vencidos e silenciados de ontem tentavam conviver com os antigos opressores.

Uma vez engrenada a via democrática e constatada a impossibilidade do retrocesso, fez necessário abrir as antigas fossas e dar sepultamento digno aos ossos que ali esperaram décadas. Na virada do milênio, quando os sobreviventes daquele sufocante período de chumbo já eram muito poucos, a sociedade espanhola tomou para si a árdua tarefa de contar o silenciado, de expor publicamente, uns para os outros, as atrozes feridas que ainda a marcam.

Nesse contexto, inclui-se *Los cuadernos perdidos de Antonio Catena*, romance publicado em 2001. Como um pesquisador que abre uma fossa sem identificação, dali vai retirando fragmentos e, ao limpar cuidadosamente aqueles ossos mutilados pela violência e pela ação do tempo, vai lendo neles o desespero e a angústia de tantas vidas cegadas, histórias interrompidas, amores não realizados, ódio, exaltação e violência, o escritor propõe-se a tecer um relato. Nele, trata de reconstruir através de uma polifonia de vozes um fragmento da vida espanhola de uma região longínqua, onde um grupo de guerrilheiros ainda seguiu lutando mesmo depois do final da guerra fratricida.

Assim, uma vez mais a literatura, leitora privilegiada dos signos da história, atua na construção de uma memória coletiva através da qual os sujeitos podem tentar superar fissuras aparentemente invencíveis, enterrando dignamente seus mortos e suplantando uma era de silêncios, sombras e sussurros.

Na sexta de suas famosas teses sobre o conceito de história, Walter Benjamin já ensinava que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1985, p. 224). Em cada época, segue o filósofo alemão, ele mesmo vítima do absurdo que foi a história nos anos trinta e quarenta, é preciso arrancar a tradição do conformismo que insiste em apoderar-se dela.

Uma das funções da literatura em geral, e em particular do romance histórico, tem sido fazer luzir essas centelhas de esperança para se ter a certeza de

que nem os mortos estão seguros se o inimigo vencer. Evitar que esses inimigos sigam vencendo é uma das funções da literatura, essa luz que sempre brilhará na noite escura da desesperança.

Para isso contribui o romance de Vergillos que se inclui num movimento geral que se articula na Espanha, em especial a partir da chegada do novo milênio, pela voz de jovens que, descrentes no milagre da integração à Europa comunitária e da globalização, decidem denunciar os exercícios de esquecimento do passado patrocinados pela primeira geração da democratização. Para esses jovens é preciso, para haver uma paz efetiva, recuperar a memória do horror. Não se pode confundir amnésia política com amnésia histórica. E faz-se então um esforço coletivo, apesar dos entraves colocados pelos grupos interessados em não abrir as fossas do horror. Enquanto ainda há uns poucos sobreviventes do, poderíamos chamar, holocausto espanhol, trata-se de salvar alguns fiapos de memória.

No romance de Vergillos, o movimento é claro: a pergunta epigráfica que abre o romance é “Abuelo, ¿cómo fue aquello?” (VERGILLOS, 2001, p. 5). Assim, desafiando a profecia da morte do narrador tradicional, feita pelo próprio Benjamin (1985, p. 197-221) em seu não menos clássico texto sobre o romance, o autor/narrador de *Los cuadernos*, tenta conjugar uma síntese entre o narrador tradicional, através do relato oral, e o narrador do romance, através do poder da escrita. O narrador tradicional é o portador da experiência, que aparece no romance através da figura do avô que transmite seu relato para o neto ávido em resgatar a memória daqueles tempos sombrios. Da mesma forma o narrador-autor traz para sua narrativa a voz de vários participantes dos acontecimentos, simulando a forma oral de seus relatos. Não apenas por acaso histórico essas vozes pertencem a camponeses, muitos dos quais semi-analfabetos, que também tiveram a fortuna de serem guerrilheiros. E mesmo quando a forma consagrada é a escrita, no caso do conteúdo dos apócrifos cadernos de Catena, essa escrita está baseada em sua própria

experiência e nas reflexões que o guerrilheiro faz de sua vivência na guerra e na resistência. E, apesar de se sentir isolado no processo, Catena tenta falar exemplarmente, como quem trata de transferir do privado para o público sua experiência. Da mesma forma, o narrador-autor do romance, ao articular essa voz com várias outras, tenta reavivar uma memória coletiva sem a qual não há futuro.

Nesse contexto, pode-se dizer que até mesmo a morte de Antonio Catena, e os relatos que há das inúmeras mortes que aparecem no romance, também é cercada de uma aura de episódio público e exemplar, conforme aponta Benjamin em suas reflexões. “Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua experiência vivida — e é dessa substância que são feitas as histórias — assumem pela primeira vez uma forma transmissível” (BENJAMIN, 1985, p. 207).

Domina toda a narrativa de Vergillos o interesse em conservar o que foi narrado, para, com base na reminiscência, manter viva a cadeia da tradição, transmitindo os acontecimentos de geração para geração. O objetivo final, pode-se dizer alcançado, é superar o esquecimento. A morte de Antonio Catena, fato histórico ocorrido em 20 de março de 1947, como o afirma a história e também a ficção, ao habitar o romance de Vergillos passa a ter um sentido figurado e pode ser lida como forma de introdução de uma nova vida, fazendo renascer também sua luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Assim essa morte não terá sido em vão. A memória, como afirma Le Goff (2003, p. 471), “na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. Nesse sentido, o romance de Vergillos também contribui para que a memória coletiva “sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 471).

## **Referências**

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira *et al.* 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

VERGILLOS, Juan. *Los cuadernos perdidos de Antonio Catena*. Madrid: Suma de Letras, 2001.

SÁNCHEZ TOSTADO, Luis Miguel. *La guerra civil en Jaén*. Disponible en: <<http://www.laguerracivilenjaen.com>>. Acceso en: 17 ago. 2008.